

CAPÍTULO 3 – ESPORTE: “ESCOLA DE CIVISMO, EDUCAÇÃO E SAÚDE”

Fazemos questão da educação esportiva que todo verdadeiro esportista deve possuir e dela fazer uso. Deveremos considerar o esporte pelo que é: ‘escola de civismo, educação e saúde’. Pratiquemos portanto, o esporte pelo esporte para o esporte e estaremos contribuindo para a formação de uma geração digna do nosso Brasil. (JORNAL “O BONDE”, nº01, p.05, 1945)

Pode-se observar no item 1.1 que a Primeira República se constituiu num grande período de instabilidade em várias esferas. Os campos político e econômico foram os principais responsáveis pelo lançamento do Estado em busca da difusão da educação pública – no primeiro campo, devido à necessidade do voto; e no segundo, pela re-elaboração da noção de trabalho, que proporcionou o enaltecimento do trabalho, tão necessário no momento à industrialização nascente.

Para Vago (2000), os problemas vividos nos momentos seguintes à Proclamação da República fortaleceu a crença que a escola deveria ser o recurso civilizatório necessário para a construção de uma Nação e de um Estado próspero. Nesse momento, a tríade de Spencer será vista como a forma mais adequada de regenerar o povo que estava imerso numa sociedade caótica, não contribuindo e até impedindo o desenvolvimento do país:

O cenário tornou-se propício para a afirmação e legitimação de uma pedagogia moderna e científica, centrada na tríade spenceriana ‘educação moral, intellectual e physica’ do povo. Sobre ela assentou-se o propósito de corrigir desvios e desviantes, contribuindo para recuperar a aura civilizadora da cidade, que se engraçava. Receber as crianças pobres e fazer delas cidadãos republicanos, essa a ambição civilizadora da escola que se queria afirmar. Seus benefícios, como acreditava o Inspetor José Rangel, atingiram ‘a própria vida econômica’, pois, ‘em vez de um exército de analfabetos a povoarem as oficinas’, o Estado passaria a ter ‘um pessoal operário sufficientemente preparado para exercitar os seus misteres com intelligencia e aptidão’, que ofereceria ‘garantias de economia e incremento’ à indústria que se tentava organizar em Minas e no País. Destarte, instruir apenas as crianças – para ler, escrever e contar – não mais bastava. Era preciso instruir,

educar e ‘dar uma profissão’. Produzir cidadãos republicanos – esta a ambição” (VAGO, 2000, p.77)

Tal como circulava nas principais cidades dos diferentes Estados do Brasil, Minas Gerais também se lançou na tarefa de promover a popularização da escolarização para a comunidade mineira, como forma de formar os corpos e a alma dos alunos, que na visão do momento, seria a garantia de um futuro próspero economicamente para o Brasil.

Nesse sentido, Faria Filho (1997, p.52) vai mostrar que “assim como a escola ‘escolarizou’ conhecimentos e práticas sociais, buscou também apropriar-se de diversas formas do corpo e construir uma corporeidade que lhe fosse mais adequada”. Portanto, a educação pensada através da tríade spenceriana – Educação Intelectual, Moral e Física – traz a Educação Física para dentro da escola como um importante instrumento de constituição do brasileiro. Não bastava mais saber ler, escrever e contar, era preciso: instruir, educar e preparar para o trabalho. Esse compreendido como a saída para que o Estado atingisse o desenvolvimento econômico esperado, no qual a Educação Física contribuiria na constituição dos corpos necessários ao sistema industrial.

Cabe compreender que quando me remeto à Educação Física nesse item, estarei me referindo à Educação do corpo, já que não poderíamos pensar em Educação Física no sentido restrito do termo que temos hoje. A Educação Física na Primeira República – pelo menos até 1925 – vai ser compreendida como forma de disciplinar os corpos, de prepará-los para o trabalho, de compensar o esforço da lida diária, além de contribuir com a formação moral do aluno. Nesse sentido, Vago (2000, p.87) vai mostrar que:

A dimensão da ‘educação physica’, que compunha a tríade educativa pretendida com o novo modelo escolar, não se restringiria, assim, a uma disciplina escolar específica, como o emprego atual do termo pode fazer crer. Ao contrário, considerando as representações que circulavam entre os agentes envolvidos na instituição daquela cultura escolar, parece-me possível dizer que eles empregavam à dimensão ‘educação physica’ um significado de amplitude tal que acabava por nele incluir a ‘educação intellectual’ e a ‘educação moral’. Em outras palavras, o que estou

procurando realçar é que a ‘educação intelectual’ e a ‘educação moral’ parecem constituir, também, antes de tudo dispositivos de ‘educação physica’ das crianças: a cultura escolar traduzia-se em sentido alargado como cultura (cultivo) dos corpos das crianças. A pretensão era realizar a façanha de destruir hábitos trazidos de casa, da rua, procurando a um só tempo inscrever nos toscos corpos infantis maneiras consideradas civilizadas, que deveriam tornar-se duradouras.

Aliado à Educação Física, Intelectual e Moral, temos a importância do fator higiênico nesse momento histórico. Gondra (2000) nos mostra que a prática esportiva fazia parte do discurso médico na educação escolar do final do século XIX no Brasil, tendo a função principal de trabalhar o corpo, diminuindo o tempo livre dos alunos e conseqüentemente servindo para gastar as energias que então eram gastas com o onanismo¹, prática que segundo o discurso médico o definhava, tornava-o fraco afetando vários órgãos do corpo.

Entretanto, podemos entender a prática corporal na ESAV também como uma forma de contribuir na formação do cidadão na sua plenitude, ou seja, forte e inteligente, útil para qualquer ocasião que a Pátria o requisitar: “uma cabeça de sábio num corpo de atleta – eis o ideal a atingir” (REVISTA SEIVA, nº 33, 1950, p. 27). Este lema foi proclamado por Voltaire e estampava as páginas de um periódico escrito por alunos esavianos passado a todos como um ideal a atingir.

O discurso médico estava presente na ESAV desde seu início, sendo que a instituição se comprometia em incentivar a educação moral, cívica e higiênica do aluno, como consta no regulamento de 1926. Desta forma, o aluno deveria ter uma formação intelectual, baseado nos métodos dos Land Grant Colleges, aliados à formação física – útil para o progresso na profissão – e à formação moral, cívica e higiênica – completando a formação do esaviano.

¹ Onanismo refere-se à masturbação. A preocupação com essa prática entre os alunos faz sentido se compreendermos que nesse momento o conceito de higiene não é restrito, ficando relegado à limpeza, asseio corporal. Higiene, nesse capítulo, tem um sentido amplo, mantendo relação com a purificação moral, física, intelectual.

No Capítulo I mostrei que a Escola se propunha a formar pessoas no curso elementar - capatazes e agricultores; no curso médio - técnicos agrícolas e administradores rurais; e no curso superior - agrônomos e médicos veterinários. Pensar na formação nesses diferentes cursos que a instituição oferecia é compreender que havia a necessidade de formá-los não apenas intelectualmente, mas também fisicamente, já que sua profissão exigirá um corpo forte para resolver situações a ela inerentes.

Assim como a ESAV observa a importância de formar os corpos para assumir determinada profissão, o movimento histórico vai mostrar que a Educação Física vai ser pensada a nível nacional como forma de preparar os corpos que futuramente ocuparão espaços nas indústrias nascentes. Nesse sentido, Nogueira (1990, p.168) apud Vago (1997, p.63-64), mostra que a Educação Física foi introduzida nas escolas por três fatores, que estão relacionados ao modo de produção capitalista: 1) devido à necessidade de ajustar as crianças ao modo de vida urbana; 2) preparando para o trabalho fabril que se encontrava em ritmo acelerado; 3) como uma atividade compensatória ao trabalho extenuante das indústrias.

Observem que a Educação Física torna-se uma ferramenta essencial para o sistema produtivo, já que os corpos que ocupariam as fábricas não poderiam ser fracos, débeis, raquíticos; mas corpos eretos, sadios, eficientes, prontos para contribuir com o desenvolvimento do país. Se pensarmos na ESAV, não podemos pensar em capatazes, agricultores, agrônomos que não tenha força física para solucionar problemas cotidianos que estão envolvidos com sua profissão. Portanto, seria necessário regenerar os corpos toscos, sem vida, que estavam imersos no sistema caótico que caracterizava a Primeira República.

O trabalhador necessário à indústria deveria ser dotado não somente de corpos 'erectos', mas sobretudo de corpos eficientes, impregnados de 'espírito coletivo', prontos para o trabalho em conjunto que, de maneira eficaz, tivesse rendimento em forma de produto, de resultado. (VAGO, 2000, p.101)

Faria Filho (1997, p.56) vai assinalar que Rui Barbosa, como seus contemporâneos, compreenderam a inclusão do corpo, do movimento, como importantes na educação da população brasileira; entretanto entendem que a presença do movimento poderá ser tão perigosa quanto sua falta. Para ele, “tanto a estagnação quanto a revolução podem colocar em risco a ordem social e o desenvolvimento pessoal”:

Assim, se é importante, ou mesmo imprescindível, que a escola se aproprie do corpo, é preciso também constituir uma corporeidade escolar que, centrada no movimento, seja disciplina e ordeira. Eis, pois, um dos principais dilemas da escola moderna. Como dar conta, a um só tempo, de glorificar o movimento e disciplinar o corpo?. Não me parece, então, sem motivo que não apenas em Rui Barbosa, e não apenas no Brasil, naquele momento, a ginástica seja defendida como a mais saudável e ‘natural’ forma de exercitar o corpo escolarizado. Que outras atividades, passíveis de ser realizadas na escola, representam o movimento e a ordem, a disciplina e a liberdade num só ato, não só corpo, não só movimento (pedagógico)? (FARIA FILHO, 1997, p.56)

Nesse movimento de inclusão da Educação Física no âmbito escolar, veremos que a ginástica será a atividade inserida nos currículos, no Brasil e no exterior. Com seus movimentos harmônicos e repetitivos, a ginástica vai cultivar a ordem e a disciplina tão almejadas nesse momento, por acreditarem que seriam essenciais ao progresso. Na ESAV, temos indícios de que a ginástica² constituía-se atividade física obrigatória durante parte da formação do esaviano, e o esporte seria um complemento para os alunos que almejassem a prática de alguma modalidade, mesmo porque a Escola acreditava que o esporte educava³, portanto, deveria ser estendido a todos.

No contexto educacional nacional, a formação dos corpos dos alunos – que se dará através da Educação Física – será compreendida com tamanha importância que passará a ser vista por alguns teóricos como sendo o pilar da educação. Afirmando essa importância, Faria Filho (1997, p.54) vai mostrar que Rui Barbosa compreende a Educação Física como

² Tratarei da ginástica à frente.

³ A educação proporcionada pelo esporte na ESAV refere-se à transmissão de valores que se acreditavam essenciais para o progresso da instituição. Podemos entender como sendo a transmissão de valores que caracterizam o espírito esaviano, através do esporte.

sendo a primeira necessidade do ser humano, por entendê-la como condição básica para seu desenvolvimento.

Nesse mesmo sentido, para Veríssimo (1985), a Educação Física será a responsável por regenerar a raça, por dar vigor e força necessária à luta material, tendo como consequência a consciência do valor pessoal e coletivo. Essa Educação Física, aliada a Educação Moral e Cívica e a Educação Intelectual, constituirá, segundo o autor, a educação nacional necessária para retirar o Brasil do atraso em que se encontrava:

A Educação física que, regenerando a nossa raça, nos dará, com o vigor necessário para a luta material da existência, a consciência do nosso valor pessoal, do qual se formará o nosso valor coletivo e se alentarão as nossas energias morais. *Educação moral, educação do caráter*, pelo combate a todos os vícios que nos minam e deprimem e, sobretudo, pela educação do sentimento do dever, mais necessário e, ousado dizer, mais nobre que a indisciplina reclamação dos direitos. Porque a liberdade é menos o exercício dos direitos que o cumprimento dos deveres, do qual nascem os sentimentos da responsabilidade e da solidariedade humana. *Educação intelectual*, por último, que nos dará os elementos indispensáveis ao progresso, à civilização e à grandeza das nações, (...) finalmente: *Educação nacional* que, resumindo todas estas, fá-las servir ao bem, à prosperidade, à glória e a felicidade da Pátria, para que esta não seja apenas um nome na geografia, mas tenha papel. (VERÍSSIMO, 1985, p.145)

Mesmo compreendendo a inserção da ginástica como componente escolar, não podemos afirmar que sua prática tenha se dado sem resistências. Moreno (2001), estudando a Ginástica Sueca no Rio de Janeiro do início do século XX, vai mostrar que os movimentos esquadrinhados, seqüenciados, ritmados – típicos da ginástica Sueca – não estavam alinhados com os movimentos almejados e praticados no cotidiano da população carioca.

Nesse sentido, Moreno (2001) mostra que como consequência desse embate cultural, temos a resistência a esta prática, que não é uma resistência política, portanto intencional, mas uma resistência de pele, de corpo, de sensibilidade. Muitas dessas resistências se manifestavam através de dispensas médicas; passando pelas “indisciplinas” no momento das aulas; até no surgimento de práticas paralelas que eram mais aceitas pelos

alunos, ocupando espaços e tempos para a prática de atividades muitas vezes não autorizadas, como: jogos, práticas corporais lúdicas, brincadeiras, estripulias corporais.

Contudo, meio a resistências e avanços, a Educação Física – por muito tempo representada pela ginástica – constituiu-se num importante instrumento de educação do corpo. Adestrava-se o aluno, formava-o fisicamente, moldava-o com disciplina e obediência para que sua adequação ao serviço fabril se desse da forma mais “natural” possível. Tudo isso, ligado diretamente ao progresso econômico que se queria do país, já que a mão-de-obra forte e regenerada das mazelas encontradas na Primeira República era pré-condição para o desenvolvimento da economia nascente.

3.1 ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DO ESPORTE NA ESAV: ENTRE RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS

O quadro de regras próprias do esporte, orientado pela idéia de ‘justiça’, de igualdade de oportunidades, associado a uma vigilância maior quanto ao seu cumprimento, possui um caráter comparável de impulso civilizador, fruto da incorporação e disseminação daquelas minuciosas regras de etiqueta, que foram alvo das análises de Norbert Elias. É nesse sentido que o esporte, pela excitação que promove, proporciona como que uma readaptação mental aos costumes emergentes no mundo moderno. (LUCENA, 2001, p.57)

O esporte moderno deve ser compreendido aqui, como exposto por Lucena, como um importante instrumento do processo civilizador que veio se consolidando na sociedade ao longo dos tempos, possibilitando uma circulação e adaptação aos valores modernos que se queria formar na época. É nesse sentido que o esporte se constituiu na ESAV como um instrumento de propagação dos valores almejados por esta instituição, além da formação física que proporcionava, se tornando, juntamente com o Espírito Esaviano, importantes para que a instituição alcançasse seus objetivos.

No capítulo 2, busquei mostrar que a ESAV foi constituída em seu início por uma grande diversidade cultural. Juntamente com esta nova constituição cultural nascente, temos novos costumes, valores, hábitos, atitudes, comportamentos e novas práticas, dentre elas, as corporais.

Ao buscar compreender o universo das práticas corporais que estavam presentes na cidade de Viçosa, anteriormente ao início de funcionamento da ESAV, analisei um periódico da cidade – Jornal de Viçosa – que circulou no período de 1923-1928⁴, mostrando que o futebol, nesse momento histórico, não dispunha de uma forte representação em Viçosa, ou pelo menos não era divulgado⁵. Além da prática esportiva na cidade se resumir ao futebol, este acontecia de forma esporádica através de amistosos nos finais de semana entre equipes da própria cidade ou com equipes de cidades vizinhas.

Para além do futebol, na cidade de Viçosa, posso falar numa atividade isolada, em 1927, que pode ser entendida como a tentativa de implantar uma nova modalidade esportiva: uma partida de “Hand’s Ball” (JORNAL DE VIÇOSA, n.º 10, Ano V, 10/09/1927). Tal modalidade foi anunciada para acontecer em uma rua no centro de Viçosa, permitindo inferir que tal prática não se relaciona com a modalidade atual, com equipamentos, locais e regras próprias, no entanto, podemos pensar numa atividade ainda rudimentar, que nos indica um caminhar para a inserção de práticas modernas numa região que estava se modernizando.

Pensando na ESAV, já no momento da construção, encontrei uma equipe de futebol, formada pelos funcionários da instituição. Essa equipe disputava competições na cidade e na região, lançando as raízes da vida esportiva esaviana: “A parte esportiva teve seu início em 1928, quando se formou na ESAV o 1º quadro de futebol. Antes desse ano já existia

⁴ Exemplares do “Jornal de Viçosa” (1923 a 1928). Tais fontes encontram-se nos arquivos pessoais do viçosense: Sr. Antônio de Oliveira Mello.

⁵ Encontrei poucas matérias falando sobre o futebol na cidade de Viçosa nos jornais analisados.

um time de operários, que venceu várias partidas, inclusive um time da cidade de Ouro Preto”⁶ (ESAV, 1939, [s/p].).

Sabendo que a ESAV inicia suas atividades no início de 1927, chama atenção a diversidade de práticas corporais que estão presentes na instituição na década de 30. Um livro intitulado “ESAV 1939” traz uma sessão especial sobre a vida esportiva da instituição, relatando as atividades que aconteceram até aquele momento, dentre as quais, juntamente com as práticas encontradas em outras fontes⁷, posso citar: Basquete, Vôlei (masculino e feminino⁸), Tênis, Futebol Americano, Futebol de Campo, Atletismo, Natação, Ciclismo, Remo e Boxe.

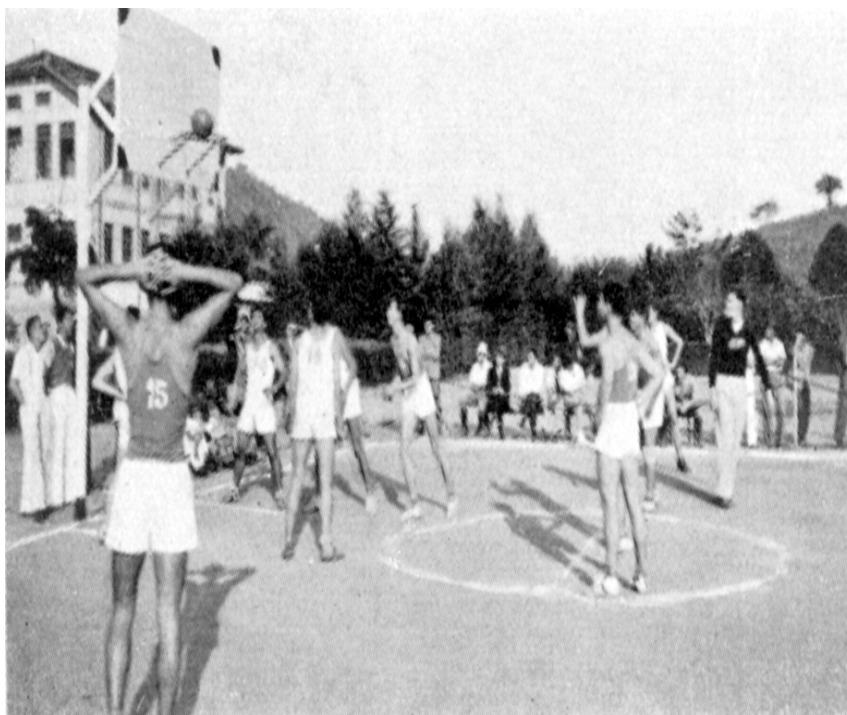


Figura 5: Partida de Basquete entre Instituto Gammon e ESAV na década de 30.
Fonte: “ESAV 1939”

⁶ É importante ressaltar que a informação da partida de “Hand’s Ball” foi anunciada, mas não foi possível saber se realmente aconteceu porque os exemplares seguintes não a relatavam: será que havia o número de pessoas necessárias, praticantes desta modalidade, para se realizar um torneio neste período?

⁷ Jornal O Bonde, Revista Seiva, Iconografias e outros livros históricos.

⁸ É importante ressaltar que a primeira mulher a ingressar no curso de graduação na ESAV data de 1940. Entretanto, as funcionárias da instituição fundaram uma equipe de vôlei na década de 30. Mais sobre o assunto, ver (Baia; Moreno e Silva, 2005c).

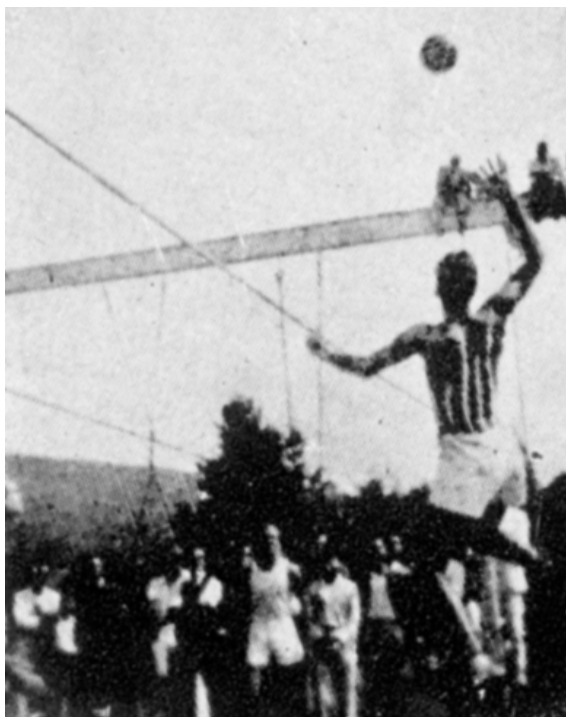


Figura 6: Partida de Voleibol na ESAV na década de 30
Fonte: “ESAV 1939”

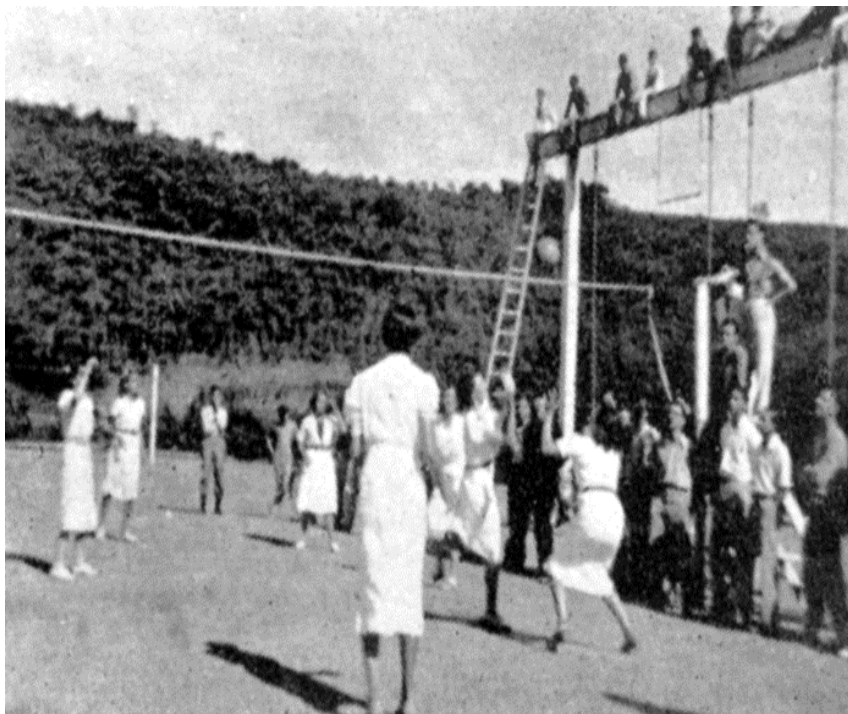


Figura 7: Treinamento da Equipe feminina de Vôlei da ESAV na década de 30.
Fonte: “ESAV 1939”